

POÉTICAS VISUAIS ALIADAS AO TARÔ: OITICICA E CLARK

MIRNA XAVIER GONÇALVES¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²

¹*Universidade Federal de Pelotas / Universidade Federal do Rio Grande do Sul –*
mirna.xavier@hotmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas – alecrins@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O relato contempla uma parte da pesquisa que está sendo desenvolvida junto ao mestrado em Artes Visuais / UFPel cujo foco de investigação recai sobre o baralho de tarô em articulações com artistas e processos das artes visuais na contemporaneidade, observando visualidades e simbologias. Neste trabalho apresentamos dois artistas relevantes no cenário da arte brasileira, pelas inovações que experimentaram e que desencadearam profundas mudanças no plano conceitual, nos processos de criação na recepção da obra de arte, sua circulação e, ainda, sobre o ensino da arte. Hélio Oiticica e Lygia Clark foram pioneiros da arte propositiva, que conta com a participação ativa de espectadores, operam com os elementos que constituem a linguagem da arte (linha, plano, cor, forma, espaço, tempo e estrutura) buscando a singularidade, preocupados em promover uma experiência significativa, afetiva, capaz de incorporar questões trazidas pelo outro. Essa abertura do processo para um universo de significações que a obra funda e revela nos interessa, pois permite estabelecer conexões com significados imbuídos nos baralhos de tarô. Este estudo traz, portanto, duas cartas: O Sol e A Lua – uma designada para cada artista, sendo O Sol associado à Hélio Oiticica e A Lua, à Lygia Clark – e, através da iconologia e dos símbolos destes arcanos busca-se enriquecer o debate sobre a obra destes artistas e utilizar o tarô como ótica de observação poética dentro do campo das artes visuais.

2. METODOLOGIA

A metodologia segue procedimentos próprios da pesquisa baseada em artes, comporta etapas e processos presentes na pesquisa acadêmica de modo geral, bem como processos criativos implicados na obra de arte e/ou no desenvolvimento da pesquisa em si, como construção de modelos autorais para a análise de dados, atenta para a pluralidade de pontos de vista, a subjetivação dos processos, a polissemia da linguagem, entre outros. Em função das conexões que procuramos estabelecer entre o tarô e as artes, seguiremos a proposição experimentada por Warburg, no Atlas Mnemosyne, construindo um painel visual que alia as informações, imagens e documentos. O dispositivo possibilitará observar o conjunto de referências que orbitam em torno da carta, do artista e da obra, permanecendo aberto a leituras e interpretações, que avançam sobre similaridades, sombras, reflexos e projeções.

O tarô constitui nosso objeto de observação, oriundo da cultura popular, o baralho é composto de 78 cartas, das quais 22 delas são chamadas arcanos maiores – secção que engloba as duas cartas já mencionadas acima. Cada uma destas cartas possui um conjunto de símbolos idiossincráticos, que trabalha tanto com o grupo de cartas num todo quanto individualmente.

A Lua e o Sol – 18° e 19° arcanos maiores, respectivamente – possuem características complementares associados ao seu duplo da vida real: O Sol, relacionado ao dia, à ação e à iluminação, traz associações ao movimento, à extroversão, a novos pontos de vista e ao coletivo. Enquanto isso, A Lua traz o simbolismo noturno, o recolhimento e a emoção, bem como aspectos de maternidade e sensibilidade, empatia e introversão. (WAITE, 1999)

Diante deste comentário em relação às cartas, fica clara a necessidade de um ponto de vista vindo do estudo de símbolos – acima de tudo da definição dos mesmos – e da análise iconográfica dos mesmos. Para isso, C.S. PEIRCE e Erwin PANOFSKY auxiliarão, respectivamente, nestes quesitos, a partir da observação semiótica de símbolo e da visão alegórica e iconográfica da obra de arte.

Primeiramente, é importante manter em mente o que é considerado um símbolo na ótica de Peirce:

Um símbolo é um representante cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos. (PEIRCE, 2005, p. 71).

Ou seja, um símbolo necessita de uma convenção para funcionar como signo. A mesma imagem pode ter diferentes relações com a sua cultura, possuindo até mesmo variantes que dependem do período no qual está inserida. Mas, num todo, o símbolo é o catalisador de um imaginário – tanto de um grupo específico, como uma religião, uma classe social, etc – quanto de um todo.

Em relação à Iconologia, Panofsky afirma o seguinte:

Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. [...] A exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (PANOFSKY, 1986, p. 54).

Este termo, portanto, abrange a pesquisa do significado que uma imagem pode ter dentro do contexto na qual ela é representada. O primeiro passo da análise iconológica é a observação iconográfica – a correta identificação do que exatamente está representado na obra e a averiguação de seus possíveis significados através da cultura universal.

Quanto à trajetória dos artistas, textos cunhados pelos mesmos foram selecionados para este trabalho, trazendo uma perspectiva interna da obra, além da externa. No capítulo seguinte portanto estão as conexões entre cartas e obras, seguida de um comentário conclusivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados já alcançados se destacam os estudos sobre tarô, símbolo, mito, iconologia e semiótica, constituem aquilo que chamamos de caminhada iniciática. São fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, pois permitirão construir leituras e chaves de interpretação. No trabalho realizado em torno dos dois artistas, pudemos ensaiar conexões e operacionalizar com os conceitos já estudados.

Hélio Oiticica, artista visual carioca, integrou o movimento neoconcreto brasileiro, se destacando pelas transgressões que impôs ao projeto Concreto, como a escolha de materiais simples e descartados para a construção de suas

obras. Interessa, particularmente, a ação artística a partir de uma superfície de cor lançada ao espaço, conhecida como *Parangolés*. A obra/performance consiste em objetos – tecidos, lonas, tendas, etc – que são vestidos pelo público, que então, dança e se move de forma a dar vida ao plano.

A primeira das relações de Hélio com O Sol é, coincidentemente, seu nome: Hélio, deus grego associado ao Sol. Sobre *Parangolés*, o artista comenta:

Toda a unidade estrutural dessas obras está baseada na estruturação que é aqui fundamental; o "ato" do espectador ao carregar a obra, ou ao dançar ou correr, revela a totalidade expressiva da mesma na sua estrutura; a estrutura atinge aí o máximo de ação própria no sentido do "ato expressivo" (OITICICA. 1986. p. 70)

A relação com os significados associados à carta do Sol se evidencia pelas pretensões do artista. Oiticica busca a movimentação do corpo, a expressão, visa a totalidade por meio do coletivo – não é a parte pelo todo, mas sim o todo pelo todo. Quem dá vida à obra é o povo, o grupo de pessoas que interage e descobre a poética do artista junto com o próprio. Ele comenta essa importância: "[...] a dança 'dionisíaca', que nasce do ritmo interior do coletivo, que se externa como característica de grupos populares, nações, etc." (IDEM, p. 73) e também reconhece a importância sociocultural de seu trabalho: "É portanto, para mim, uma experiência da maior vitalidade, indispensável, principalmente como demolidora de preconceitos, estereotipações, etc." (IDEM. p. 72)

Além disso, o próprio apelo visual da carta é relacionado ao do artista. Ambos trazem a figura do pano em movimento como algo marcado em sua história e sua visualidade. Esta representação da ação demonstra grande parte da sua poética. (Figura 1)

Lygia Clark, artista visual de origem mineira, também fez parte do movimento neoconcreto, e tal como Hélio Oiticica promoveu rupturas, foi pioneira da arte propositiva, ficando conhecida pela obra *Bichos*. Suas ações e processos criativos articularam a poética com questões de autoconhecimento e cura terapêutica através do coletivo. O individual se encontra através do todo. A artista, numa carta que escreveu ao já falecido Mondrian, coloca-se num momento de incerteza:

Pois hoje eu senti hoje essa transcendência através da natureza, de noite, no amor [...]. Mas com o tempo, numa outra crise, já isto não adiantou e foi o "vazio-pleno", a noite, o silêncio dela que se tornou minha moradia. (CLARK, 2006. p. 46)

Neste trecho, Lygia fala de suas sensações e suas epifanias, que vêm através de seus sentimentos. A palavra "noite" é citada constantemente neste excerto, bem como suas qualidades. Lygia aqui soa como se ela própria fosse a Lua representada na carta. Ela, através de sua sensibilidade e do período de inatividade noturna, sublima a poética de seus trabalhos e reflete sobre as questões que envolvem sua prática artística, como em *Objetos Relacionais*, onde ela interage com objetos propondo introspecção. (Figura 2)

Clark ainda escreve: "Hoje eu choro – o choro me cobre, me segue, me conforta e acalenta, de um certo modo, esta superfície dura, inflexível e fria da fidelidade à uma ideia." (IDEM. p. 49). A superfície comentada por ela é a mesma que, ironicamente, torna-se flexível e mutável nas mãos de Lygia, especialmente no trabalho *Bichos*, cujas dobradiças e a interação com o público permitem uma alteração de forma, garantindo diversas possibilidades à obra.

4. CONCLUSÕES

O tarô tomado em conjunção ao campo da arte, articulando com a pesquisa em arte, artistas, suas obras, biografias e trajetórias, contribui para o debate sobre arte acrescentando camadas de sentido e diferentes pontos de vista às obras, propondo portanto uma observação mais sensível do mundo que nos cerca.

Através de trabalhos determinantes, como os dos autores e artistas aqui citados, é possível costurar relações e articular conceitos – vindos tanto da arte como do tarô – que culminam em um enriquecimento das questões em arte.



Figura 1: Carta de Tarô “O Sol” (por Pamela Colman Smith) justaposta à imagem de uma performance de *Parangolés* (por Hélio Oiticica, participante não-identificado) sendo realizada.

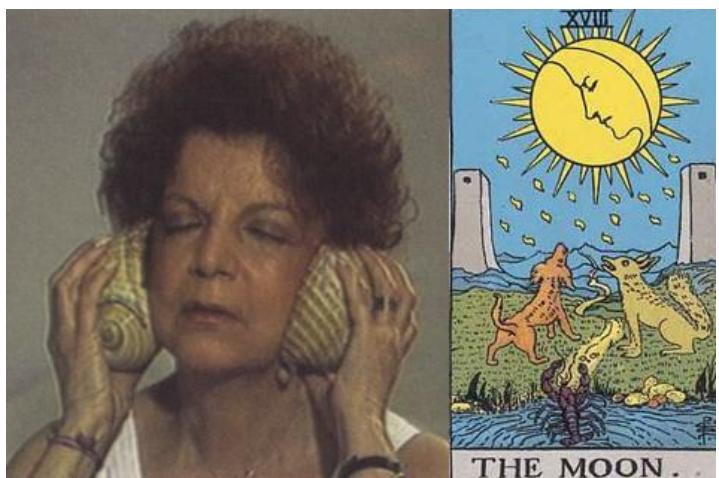


Figura 2: Carta de Tarô “A Lua” (por Pamela Colman Smith) justaposta à imagem de uma performance de *Objetos Relacionais* (por Lygia Clark) sendo realizada

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, Lygia. “**Carta a Mondrian**”. In: FERREIRA, Glória (org.). *Escritos de artistas: anos 1960/1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986

PANOFSKY, E. “**Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença**”. In: *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2^a ed., 1986, p. 47-65.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. 1999. 3^a edição. Editora Perspectiva. São Paulo, São Paulo.

WAITE, A. E. **O Tarô Ilustrado de Waite**. 1999. Editora Kuarup. Porto Alegre, RS.